



DE REPENTE, TUDO MUDOU

Estar naquela fase da infância que beira a adolescência e precede um período cheio de alegria e vigor. Quando crescia e tentava entender mais sobre si mesmo, **Alan Sousa**, 35 anos, foi acometido por uma tragédia. Enquanto brincava em um campo de futebol, onde soltava pipa e se divertia com amigos, sofreu uma tentativa de assalto. Uma quarta-feira de cinzas, em 28 de fevereiro de 2001, tudo mudou para sempre.

Isso porque durante a abordagem do criminoso, sem entender muito bem o que estava acontecendo, Alan acabou sendo baleado nas costas. “Desde os 12 anos, então, eu me tornei paraplégico, fazendo o uso da cadeira de rodas”, relata. Depois do acidente, começou a fazer reabilitação no Hospital Sarah. Lá, teve o primeiro contato com vários esportes, que, de início, serviam somente para sua recuperação física e mental. Tênis de mesa e basquete para pessoas em cadeira de rodas foram as modalidades experimentadas, sem viés competitivo.

Mesmo assim, a semente foi plantada. E Alan sabia disso. A passagem na unidade hospitalar durou apenas um mês. Voltou para casa e permaneceu em ócio por um longo período. Sem praticar qualquer modalidade, ficou até os 16 anos sem saber como seguiria dali em diante. “Eu era uma criança normal, andava perfeitamente e tinha uma vida comum. De repente, estava preso em uma cadeira de rodas, só ficava em casa, ia para a escola e jogava videogame”, lembra.

Outra chance para seguir em frente apareceu quando Alan recebeu um convite de colegas da escola em que estudava para jogar basquete. As aulas eram pela manhã, e os treinos na parte da tarde. A rotina, todavia, fez com que ele se cansasse e desistisse de novo. Terminou o ensino médio, conseguiu uma bolsa de estudos e entrou na faculdade de direito — tornou-se analista jurídico. Ainda nessa etapa, deu início à natação para se manter ativo e buscar um pouco de lazer.

Mais que destino

Por coincidência, descobriu que o treinador da natação também era técnico de basquete em cadeira de rodas. “Ele me con-

vidou para treinar e eu, prontamente, recusei. Disse que estava fazendo faculdade e que estudava à noite. Mas a insistência foi grande e, em um dos semestres, não tinha aula às quartas-feiras. Pensei que poderia ir para conhecer, mesmo sabendo que não iria continuar, apenas para dar uma resposta ao professor”, conta Alan.

Em meados de 2008, o que era certo de que não funcionaria tornou-se uma das maiores paixões para o analista jurídico. Uma lacuna preenchida, um espaço antes cinza voltou a ter cor. O basquete, de acordo com ele, trouxe sensações antes tidas somente na infância, quando o esporte favorito ainda era o futebol. Um ano depois de dar sequência aos treinamentos e encarar a modalidade com mais seriedade, Alan foi convocado para participar do Parapan juvenil sub-23, representando a seleção brasileira, que aconteceu na Colômbia.

Lá, foi vice-campeão ao lado dos companheiros de time. A partir daí, uma série de novas convocações surgiram, uma delas para disputar o mundial na França. “Conseguimos nos tornar a sétima melhor equipe nessa competição. Olha o que o esporte fez! Eu nem tinha viajado de avião. Aprendi e melhorei o meu basquete, continuei treinando e fui chamado para a seleção principal do Brasil”, destaca.

A maior conquista, para ele, foi o Sul-americano disputado na Venezuela, em que foi campeão pela equipe nacional. Propostas de equipes paulistas, mais estruturadas, também apareceram em seguida. Mas, de acordo com ele, o desejo de ficar perto de casa com a família, os amigos e namorada prevaleceu.

“Passei de um jovem tímido, envergonhado, com vários medos e questões de autoestima, para um adulto confiante. Conheci pessoas e lugares novos, algo que somente o basquete poderia me propiciar. Não importa o quanto a rotina seja cansativa, vou e treino. Sempre saio com a sensação de prazer e dever cumprido. Não consigo mais viver sem”, acrescenta Alan.

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**